PEQUENA ÁFRICA: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA E TERRITORIALIDADE NA REDE CEJA

Prof Dr. Giovanni Codeça da Silva
UVA, CEJA/Cecierj, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, codecasilva@gmail.com

Resumo

O artigo apresenta a experiência formativa da Pequena África na Rede CEJA, voltada para a construção de práticas pedagógicas antirracistas e inclusivas na Educação de Jovens e Adultos. A formação articulou território, memória e cultura, reconhecendo a centralidade do estudante, suas trajetórias de vida e saberes locais como elementos pedagógicos essenciais. Fundamentada em autores como Milton Santos, Claude Raffestin, Miguel Arroyo, Flávio Júnior Boleiz, Vygotsky e Paulo Freire, a metodologia utilizou visitas técnicas, Educação Baseada no Lugar e produção coletiva de saberes para promover reflexão crítica e aprendizagem significativa. Os resultados evidenciaram valorização do pertencimento, engajamento docente, inclusão de estudantes com deficiência e construção de práticas replicáveis em diferentes contextos territoriais. A experiência demonstra que integrar território, memória e centralidade do sujeito contribui para a formação de professores capazes de desenvolver uma educação de jovens e adultos equitativa, transformadora e socialmente comprometida.
Palavras-chave: Territorialidade; Antirracismo; EJA

Introdução

A experiência formativa denominada Pequena África desenvolvida pela Rede CEJA constitui uma iniciativa inovadora que busca articular território, memória e práticas pedagógicas antirracistas, promovendo a valorização da história e da cultura da população negra no Brasil. Essa experiência assume relevância especial em uma rede educacional territorialmente extensa e socialmente diversa, na qual se encontram estudantes jovens, adultos e idosos provenientes de contextos urbanos densamente povoados, regiões periféricas, áreas rurais, comunidades quilombolas e povos indígenas.

Ao inserir a perspectiva da Pequena África na formação docente, a Rede CEJA propõe a construção de práticas educativas que reconhecem a centralidade do sujeito da aprendizagem e promovem a reflexão crítica sobre as desigualdades raciais estruturais presentes na sociedade brasileira. A Pequena África, localizada historicamente na região portuária do Rio de Janeiro,

representa um território de resistência e produção cultural, um espaço no qual se consolidam manifestações de religiosidade, musicalidade, organização política e trabalho da população negra após a abolição. Trata-se de um território simbólico que condensa dor, luta e criatividade, tornando-se um ponto estratégico para pensar a educação antirracista e situar a história negra no centro do currículo e da prática pedagógica.

Reconhecer a importância desse território implica deslocar a narrativa da marginalidade para a centralidade, valorizando o papel estruturante da população negra na sociedade brasileira e evidenciando que a educação deve ser um instrumento de reconhecimento, valorização e reparação histórica. A diversidade de contextos atendidos pela Rede CEJA impõe desafios e potenciais simultaneamente. O desafio reside na necessidade de construir práticas pedagógicas antirracistas que não sejam padronizadas, mas sensíveis às especificidades territoriais e culturais de cada unidade escolar, de modo a considerar as diferentes trajetórias, experiências de exclusão e condições de vida dos estudantes.

O potencial emerge da possibilidade de reconhecer que cada comunidade possui a sua própria Pequena África, ou seja, seus espaços de memória, suas manifestações culturais, suas narrativas historicamente silenciadas e suas formas de resistência, constituindo elementos centrais para a formação docente e para o desenvolvimento de metodologias pedagógicas contextualizadas. Nesse sentido, a formação proposta articula-se com o pensamento de Milton Santos (2001), que enfatiza que o território não é apenas um cenário físico, mas um conjunto vivo de relações socioeconômicas, culturais e de poder, constituindo o espaço no qual se concretizam modos de vida, trajetórias e possibilidades de existir. Trabalhar com o território implica reconhecer e valorizar as experiências concretas das pessoas, suas formas de resistência, seus saberes cotidianos e suas práticas culturais, transformando essas dimensões em conteúdos e metodologias pedagógicas.

A abordagem formativa da Pequena África busca mapear espaços de memória negro-indígena, ouvir narrativas locais, identificar manifestações de racismo presentes no cotidiano e traduzir essas informações em conhecimentos pedagógicos que possam ser incorporados à prática docente de maneira crítica e reflexiva. A formação privilegia a centralidade do estudante, jovem, adulto ou idoso, cujas trajetórias frequentemente incluem interrupções escolares, trabalho precoce, múltiplas responsabilidades familiares e experiências de discriminação racial. Considerar o território do estudante como conteúdo e metodologia

pedagógica permite que a educação se torne um instrumento de pertencimento, reconhecimento e valorização das vidas dos alunos, ao mesmo tempo em que promove uma compreensão crítica do papel da população negra e indígena na construção da sociedade brasileira.

Assim, a Pequena África funciona como ponto de partida e referência simbólica para a formação docente, oferecendo subsídios para a criação de práticas antirracistas replicáveis em diferentes territórios da Rede CEJA. A formação se configura como processo contínuo de leitura de mundo, inspirado em Milton Santos e em perspectivas gramiscianas, ao integrar consciência territorial, letramento racial e produção coletiva de saberes, de modo a transformar a prática pedagógica e favorecer a construção de espaços educativos inclusivos, humanizados e socialmente engajados.

Fundamentação teórica

A formação docente antirracista na Rede CEJA se ancora em fundamentos teóricos que articulam território, memória, cultura e práticas pedagógicas voltadas à educação de jovens e adultos. O conceito de território é central para compreender a Pequena África não apenas como espaço geográfico, mas como locus de experiências sociais, históricas e culturais que constituem identidades e modos de vida. Milton Santos contribui significativamente para essa reflexão, ao enfatizar que o território não deve ser compreendido apenas como espaço físico, mas como um conjunto vivo de relações sociais, econômicas e culturais, constituindo um espaço de cidadania e de produção de vida. A partir dessa perspectiva, o território torna-se um elemento pedagógico capaz de mediar aprendizagens, valorizar trajetórias e promover a compreensão crítica das desigualdades sociais e raciais.

Miguel Arroyo (2011), ao refletir sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, destaca a importância de considerar as trajetórias e os territórios de vida dos estudantes na construção das práticas pedagógicas. Sua abordagem reforça que cada estudante traz consigo saberes, experiências e modos de existir que precisam ser reconhecidos, valorizados e incorporados ao processo educativo, sobretudo em contextos marcados por exclusão e interrupção escolar. Esse reconhecimento contribui para a centralidade do sujeito da aprendizagem e fortalece práticas pedagógicas inclusivas e socialmente significativas.

Essa visão é ampliada por Flávio Júnior Boleiz (2018) ao analisar a EJA como espaço de articulação entre territórios de vivência, sobrevivência e constituição de identidades de jovens

e adultos. Sua contribuição evidencia que a educação deve considerar os contextos sociais, culturais e econômicos em que os estudantes estão inseridos, utilizando essas dimensões como referência para a construção de metodologias pedagógicas contextualizadas e sensíveis às especificidades de cada território.

Integrando essas abordagens, a formação antirracista da Rede CEJA busca transformar o território em metodologia, conteúdo e horizonte político da prática docente. A Pequena África é utilizada como referência simbólica e prática, articulando memória histórica, cultura e resistência da população negra para a construção de práticas pedagógicas que possam ser replicadas em diferentes contextos da rede. Essa articulação evidencia a importância de reconhecer o território como mediador de aprendizagem, de valorizar as trajetórias dos estudantes e de produzir conhecimento pedagógico que promova inclusão, pertencimento e reflexão crítica.

Dessa forma, a fundamentação teórica da formação docente combina a compreensão do território como espaço de vida e relações de Milton Santos, a valorização das trajetórias dos sujeitos da EJA segundo Miguel Arroyo, e a análise da EJA como espaço de construção identitária e social de Flávio Júnior Boleiz, criando uma base sólida para o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas, sensíveis às diversidades culturais, sociais e territoriais presentes na Rede CEJA.

Metodologia

A metodologia adotada na formação docente antirracista da Rede CEJA, articulada à experiência da Pequena África, fundamenta-se na compreensão do território como elemento central da aprendizagem e da prática pedagógica. Essa perspectiva considera o território não apenas como espaço físico, mas como *locus* de vivências sociais, culturais, históricas e políticas que influenciam diretamente as experiências de estudantes e professores. Claude Raffestin (1993) contribui para essa análise ao destacar a territorialidade como resultado da apropriação do espaço por atores sociais, reforçando a importância de compreender o percurso técnico da formação como um processo de vivência concreta e de interação com o lugar. A territorialidade é, portanto, entendida como dimensão pedagógica que permite aos professores reconhecerem as relações entre espaço, cultura e prática educativa, tornando a experiência de aprendizagem mais significativa e contextualizada.

A abordagem da Educação Baseada no Lugar, conhecida como *Education Based on Place* (EBL), é incorporada à metodologia como estratégia pedagógica que valoriza o território local como recurso de aprendizagem. Por meio de visitas técnicas e atividades de imersão, os professores têm a oportunidade de observar, compreender e refletir sobre os contextos socioculturais e históricos que permeiam o território, identificando formas de resistência, manifestações culturais e narrativas silenciadas. Essa abordagem permite que os professores percebam o território como conteúdo, metodologia e horizonte político, estimulando a construção de práticas pedagógicas que promovam inclusão, pertencimento e valorização dos saberes locais.

As atividades práticas envolveram visitas à Pequena África no Rio de Janeiro, além da identificação e mapeamento de espaços de memória negro-indígena em diferentes municípios atendidos pela Rede CEJA. Durante essas visitas, os professores foram incentivados a observar manifestações culturais, práticas comunitárias e elementos históricos que pudessem ser incorporados ao currículo e à prática pedagógica. A metodologia incluiu ainda momentos de diálogo, reflexão coletiva e produção de saberes, possibilitando a articulação entre experiências vivenciadas durante as visitas e a adaptação de estratégias pedagógicas aos territórios em que cada unidade da Rede CEJA está inserida.

Essa abordagem metodológica busca articular teoria e prática, permitindo que os professores compreendam a dimensão socioespacial da aprendizagem e integrem conhecimentos históricos, culturais e sociais aos seus projetos pedagógicos. A formação enfatiza a centralidade do estudante, reconhecendo suas trajetórias, experiências de vida e contextos territoriais como elementos fundamentais para a construção de práticas antirracistas e humanizadas. Ao articular visitas técnicas, análise do território e produção coletiva de saberes, a metodologia proporciona aos professores ferramentas para transformar cada unidade escolar em um espaço educativo que valorize a memória, a cultura e a resistência da população negra e indígena.

Resultados e efeitos observados

A formação docente antirracista baseada na experiência da Pequena África gerou impactos significativos tanto na prática pedagógica dos professores quanto na organização dos espaços educativos e na aprendizagem dos estudantes da Rede CEJA. Entre os principais resultados

observados destaca-se a valorização das trajetórias de vida dos estudantes jovens, adultos e idosos, reconhecendo suas experiências de exclusão, múltiplas responsabilidades familiares e interrupções escolares como elementos centrais para a construção do conhecimento pedagógico. Essa centralidade do sujeito da aprendizagem permitiu que os professores construíssem práticas educativas mais inclusivas, humanizadas e sensíveis às especificidades de cada território.

O reconhecimento e a valorização dos saberes locais, das manifestações culturais e das narrativas historicamente silenciadas contribuíram para o fortalecimento do pertencimento dos estudantes, incentivando a continuidade dos estudos e a participação ativa nos processos educativos. As visitas à Pequena África e o mapeamento de espaços de memória negro-indígena estimularam nos professores a percepção de que cada território possui sua própria história e dinâmica cultural, favorecendo a criação de metodologias pedagógicas contextualizadas e replicáveis em diferentes unidades da Rede CEJA.

Entre os efeitos observados destaca-se também o aumento do engajamento docente e da colaboração entre profissionais. A prática de observar experiências de outros professores, compartilhar estratégias e dialogar sobre a aplicação das metodologias promoveu aprendizagem horizontal, alinhada aos conceitos de Vygotsky (2007) sobre zona de desenvolvimento proximal e à perspectiva de Paulo Freire (2019) sobre aprendizagem significativa por meio do diálogo e da troca de saberes.

Outro resultado relevante foi a construção de cartografias antirracistas e projetos pedagógicos que incorporam o território como conteúdo e metodologia. A experiência da Pequena África forneceu subsídios para que os professores identificassem formas de racismo presentes no cotidiano escolar e local, transformando essas observações em conhecimento pedagógico capaz de orientar práticas educativas que promovam inclusão, equidade e justiça social.

Além disso, a formação evidenciou o papel diferencial da Rede CEJA no atendimento de estudantes com deficiência, demonstrando a capacidade de adaptar materiais, metodologias e espaços de aprendizagem para assegurar a participação plena de todos os alunos. Unidades localizadas em municípios como Volta Redonda, Campos e a unidade central da rede exemplificaram essa prática, implementando estratégias que garantem acessibilidade e equidade educacional, fortalecendo a dimensão inclusiva da formação antirracista.

Em síntese, os resultados indicam que a formação baseada na Pequena África promoveu mudanças concretas na forma como professores percebem o território, os estudantes e a prática pedagógica. A experiência consolidou a centralidade do estudante, valorizou trajetórias e saberes, estimulou a produção coletiva de conhecimento e ampliou o engajamento e a colaboração entre docentes. Esses efeitos reforçam a importância de articular memória, cultura e território na construção de práticas pedagógicas antirracistas e contextualizadas, contribuindo para a formação de uma educação de jovens e adultos mais inclusiva, crítica e transformadora.

Discussão

A análise dos resultados da formação docente antirracista baseada na experiência da Pequena África evidencia a relevância de articular território, memória e práticas pedagógicas para a construção de uma educação de jovens e adultos inclusiva, crítica e sensível às desigualdades raciais. Os efeitos observados, como a valorização das trajetórias dos estudantes, o fortalecimento do pertencimento e o engajamento docente, confirmam que a centralidade do sujeito da aprendizagem é condição indispensável para a efetividade de práticas pedagógicas antirracistas, em consonância com a perspectiva de Paulo Freire sobre aprendizagem significativa e produção coletiva de saberes.

A relação entre território e educação, fundamentada nos conceitos de Milton Santos e Claude Raffestin, demonstra que compreender o espaço como conjunto vivo de relações sociais, culturais, econômicas e políticas é essencial para que a prática pedagógica reconheça as especificidades de cada comunidade. Ao transformar o território em recurso pedagógico, conteúdo e metodologia, os professores foram capazes de incorporar dimensões históricas e culturais à experiência educativa, ampliando a compreensão crítica dos estudantes sobre sua realidade e sobre a contribuição estrutural da população negra e indígena para a sociedade brasileira.

A abordagem de Educação Baseada no Lugar contribuiu para consolidar a ideia de que a aprendizagem ocorre de forma mais significativa quando imersa no contexto real, promovendo experiências concretas que conectam teoria e prática. As visitas técnicas e a observação de espaços de memória negro-indígena proporcionaram aos professores ferramentas para a construção de metodologias contextualizadas, replicáveis e sensíveis às diversidades territoriais

e culturais presentes na Rede CEJA. Essa experiência evidencia que a educação de jovens e adultos deve reconhecer os saberes e experiências dos estudantes, articulando-os com conhecimento acadêmico e práticas pedagógicas inovadoras.

A discussão também evidencia a complementaridade entre os princípios de Vygotsky e Freire na formação docente. A aprendizagem horizontal entre professores, a observação de práticas mais desenvolvidas e a troca de experiências possibilitaram a construção coletiva de conhecimento pedagógico, fortalecendo a capacidade docente de adaptar metodologias ao território e às necessidades dos estudantes. Esse processo demonstra que a formação antirracista não se limita à aquisição de conteúdos, mas se configura como prática reflexiva e contínua, capaz de transformar o ambiente escolar e promover justiça social.

Outro ponto relevante refere-se à inclusão de estudantes com deficiência, reforçando o papel diferenciado da Rede CEJA na implementação de práticas pedagógicas adaptadas e acessíveis. As experiências em unidades como Volta Redonda, Campos e a unidade central da rede mostram que a formação antirracista também pode integrar políticas de acessibilidade, garantindo equidade na aprendizagem e ampliando o impacto social da iniciativa.

Em síntese, a discussão evidencia que a formação docente baseada na Pequena África consolida práticas pedagógicas antirracistas que articulam território, memória, cultura e inclusão. Essa articulação fortalece o protagonismo dos estudantes, promove engajamento docente, cria metodologias replicáveis e contribui para a construção de uma educação de jovens e adultos comprometida com a diversidade, a equidade e a transformação social. A experiência demonstra que a educação antirracista deve ser contínua, contextualizada e sensível às múltiplas dimensões do território e das trajetórias de vida dos estudantes.

Conclusão

A experiência formativa da Pequena África na Rede CEJA evidencia que a construção de práticas pedagógicas antirracistas exige a articulação entre território, memória, cultura e centralidade do sujeito da aprendizagem. A formação docente proporcionou aos professores ferramentas teóricas e práticas para reconhecer e valorizar as trajetórias dos estudantes,

incorporando saberes, experiências e narrativas historicamente silenciadas à prática pedagógica. Ao transformar o território em recurso pedagógico, conteúdo e metodologia, a formação possibilitou que cada unidade escolar identificasse e potencializasse sua própria história local, promovendo pertencimento, engajamento e inclusão.

Os resultados observados demonstram que práticas educativas fundamentadas na territorialidade, na Educação Baseada no Lugar e na reflexão crítica sobre desigualdades raciais favorecem a aprendizagem significativa e o desenvolvimento de metodologias replicáveis em diferentes contextos da Rede CEJA. A centralidade do estudante, jovem, adulto ou idoso, na construção do conhecimento, reforçou a importância de reconhecer as experiências de vida como elementos pedagógicos essenciais, permitindo que o ensino se configure como instrumento de valorização, dignidade e reparação histórica.

A integração das perspectivas de Milton Santos, Claude Raffestin, Miguel Arroyo, Flávio Júnior Boleiz, Vygotsky e Paulo Freire proporcionou uma base sólida para compreender o território como espaço de vida, relações sociais, cultura e produção de saberes, consolidando uma abordagem educacional crítica, inclusiva e transformadora. A experiência demonstrou ainda o diferencial da Rede CEJA no atendimento de estudantes com deficiência, evidenciando que a inclusão e a acessibilidade são dimensões fundamentais da educação antirracista e humanizada.

Em síntese, a Pequena África funcionou como ponto de partida para a formação docente, mas também como referência metodológica para que cada unidade escolar possa desenvolver práticas pedagógicas contextualizadas, sensíveis à diversidade territorial e cultural, e comprometidas com a equidade social. A experiência confirma que a educação de jovens e adultos, quando articulada à territorialidade e à centralidade do sujeito, pode se tornar um instrumento efetivo de transformação social, valorização de saberes e promoção de justiça racial, constituindo-se como um modelo inspirador para a formação continuada de professores em contextos diversos e complexos.

Bibliografia

ARROYO, Miguel. ***Educação de jovens e adultos: trajetórias e territórios de vida***. São Paulo: Cortez, 2011.

BOLEIZ, Flávio Júnior. ***Territórios e identidades na Educação de Jovens e Adultos***. Rio de Janeiro: Penso, 2018.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do oprimido***. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MONTESSORI, Maria. ***A criança: o segredo da infância***. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RAFFESTIN, Claude. ***Por uma Geografia do poder***. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. ***Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.*** Rio de Janeiro: Record, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. ***A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores***. São Paulo: Martisn Fontes, 2007.